

LUCIANO CANFORA

O mundo de Atenas

Tradução
Federico Carotti



Copyright © 2011, Gius. Laterza & Figli. Todos os direitos reservados.
Publicado mediante acordo com Marco Vigevani Agenzia Letteraria.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Il mondo di Atene

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Preparação

Cacilda Guerra

Índice onomástico

Luciano Marchiori

Revisão

Huendel Viana

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Canfora, Luciano.

O mundo de Atenas / Luciano Canfora ; tradução Federico Carotti. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original : Il mondo di Atene

ISBN 978-85-359-2540-1

1. Atenas (Grécia) - História 2. Grécia - História - Até 146 a.C.
i. Título.

14-13271

CDD-938

Índice para catálogo sistemático:
1. Atenas : Grécia : História 938

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Agradecimentos	9
----------------------	---

INTRODUÇÃO — ATENAS ENTRE MITO E HISTÓRIA

1. Como nasce um mito	13
2. Luta em torno de um mito	25
3. Um mito entre os modernos	40
4. Uma realidade conflituosa	65
5. A democracia ateniense e os socráticos	79
6. Os quatro historiadores de Atenas	86

PRIMEIRA PARTE — O SISTEMA POLÍTICO ATENIENSE: “UMA GUILDA QUE REPARTE O BUTIM”

1. “Quem quer falar?”	95
2. A cidade em discussão no palco	105
3. Péricles <i>princeps</i>	128
4. Uma crítica não banal à democracia	146
5. <i>Demokratia</i> como violência	167
6. Igualitarismo antidemocrático	172

SEGUNDA PARTE — O BURACO NEGRO: MELOS

7. O terrível diálogo	183
8. A vítima exemplar	188
9. Eurípides em Melos	195
10. Isócrates demole a construção polêmica tucídideana sobre o episódio de Melos	206

Interlúdio

11. Efeitos imprevistos do “mal da Sicília” (415 a.C.): o que Tucídides <i>viu</i>	215
---	-----

TERCEIRA PARTE — COMO PERDER UMA GUERRA VITORIOSA

Antecedentes	229
12. Escândalos e tramas obscuras (415 a.C.) <i>com uma compilação de documentos</i>	234
13. Luta política na grande potência do Ocidente: Siracusa, 415 a.C.	262
14. Internacionalismo antigo	269
15. A guerra total	272

QUARTA PARTE — A PRIMEIRA OLIGARQUIA: “NÃO ERA EMPREENDIMENTO DE POUCA MONTA TIRAR A LIBERDADE DO POVO ATENIENSE”

16. Anatomia de um golpe de Estado: 411	281
17. Tucídides entre os “Quatrocentos”	289
18. O principal responsável	301
19. Frínico, o revolucionário	310
20. Frínico cai e se reergue: variações sobre o tema da traição	319
21. Morte de Frínico e o processo contra o cadáver	332
22. O processo de Antifonte	343
23. Os outros processos	361
24. A comédia diante de 411	370

QUINTA PARTE — ENTRE ALCIBÍADES E TERÂMENES

25. Uma verdade por trás de dois versos	389
26. O regresso de Alcibíades	394
27. O processo dos estrategos	403
28. Terâmenes um e dois	411

Interlúdio

29. Os espartanos não exportaram a liberdade: Isócrates contra Tucídides	431
---	-----

SEXTA PARTE — A GUERRA CIVIL

30. Atenas, ano zero. Como se sai da guerra civil	437
31. Depois da guerra civil: a salvação individual (401-399 a.C.)	447
32. Após a guerra civil: o debate constitucional	457

SÉTIMA PARTE — UM OLHAR SOBRE O SÉCULO IV A.C.

33. Corrupção política	471
34. Demóstenes	480
35. Epílogo. Da democracia à utopia	499

<i>Bibliografia selecionada</i>	513
---------------------------------------	-----

<i>Cronologia</i>	529
-------------------------	-----

<i>Glossário</i>	547
------------------------	-----

<i>Mapas</i>	552
--------------------	-----

<i>Índice onomástico</i>	559
--------------------------------	-----

INTRODUÇÃO

Atenas entre mito e história

The battle of Marathon, even as an event in English history, is more important than the battle of Hastings. If the issue of that day had been different, the Britons and the Saxons might still have been wandering in the woods.

[A batalha de Maratona, como parte da história inglesa, é mais importante que a batalha de Hastings. Se o desfecho daquele dia tivesse sido diferente, bretões e saxões talvez ainda vagassem pela floresta.]

John Stuart Mill, “Early Grecian History and Legend”, resenha de *History of Greece*, de George Grote (*The Edinburgh Review*, out. 1846, p. 343)

1. Como nasce um mito

I

O “mito” de Atenas está contido em algumas frases do discurso fúnebre de Péricles parafraseado e, pelo menos em parte, recriado por Tucídides. São frases com pretensão de eternidade e que, de forma legítima, têm desafiado o tempo; mas são também fórmulas não de todo compreendidas pelos modernos, e é provável que por essa razão se apresentem e se demonstrem ainda mais eficazes, amiúde brandidas com fantasiosa presunção. E isso enquanto outras partes do discurso são ignoradas, talvez porque prejudiquem o quadro que os modernos, ao recortar as partes preferidas do original, tornam ainda mais monumental. Basta como exemplo a exaltação da violência imperial praticada pelos atenien-ses onde quer que fosse na Terra.¹

Memorável e favorecida entre todas as demais, porém, destaca-se a série de

1. Tucídides, II, 41, 4 (*πανταχοῦ δὲ μνημεῖα κακῶν τε κἀγαθῶν ἀίδια*). Foi Friedrich Nietzsche quem compreendeu plenamente o significado dessas palavras, no 11º “fragmento” da *Genealogia da moral*, primeira parte (1887). Ao contrário de tantos filólogos anteriores e posteriores, ele traduziu corretamente as palavras *μνημεῖα κακῶν τε κἀγαθῶν ἀίδια* como “*unvergängliche Denkmale [...] im Guten und Schlimmen*” (“monumentos eternos no bem e no mal”) e identificou naquelas palavras do Péricles tucidídeo uma “volúpia de vitória e de crueldade”.

avaliações referentes à relação de Atenas, considerada em seu conjunto, com o fenômeno do extraordinário florescimento cultural: “Em síntese, afirmo que a nossa cidade *em seu conjunto* constitui a escola da Grécia”;² “Entre nós, todo cidadão pode desenvolver autonomamente sua pessoa³ nos mais diversos campos com brio e desenvoltura”;⁴ “Amamos o belo, mas não a opulência, e a filosofia⁵ sem imoralidade”.⁶

Algumas dessas expressões ganharam engrandecimento adicional já na Antiguidade, como é o caso do epígrama fúnebre de Eurípides atribuído a Tucídides, em que Atenas, de “escola da Grécia”, passa a ser “Grécia da Grécia”.⁷ Outras contribuíram para criar um clichê duradouro. Por exemplo: “Diante dos perigos, aos outros a coragem advém da inconsciência e o raciocínio lhes cria dificuldades”,⁸ enquanto nós, atenienses, enfrentamos os perigos de forma racional, com conhecimento e consciência; eles se esfalfam de disciplina e exercícios preparatórios, enquanto nós, nem por vivermos relaxados, somos mais fracos;⁹ os espartanos nunca nos invadem sozinhos, mas vêm com todos os seus aliados, enquanto nós, quando invadimos os vizinhos, *vencemos*¹⁰ (!) mesmo combatendo em geral sozinhos.

Se considerarmos a seguir o célebre capítulo que descreve o sistema político ateniense,¹¹ a contradição entre a realidade e as palavras do orador fica ainda mais evidente. Basta ver que Tucídides, o qual, sem circunlóquios melífluos ou edulcorantes, define o longo governo de Péricles como “democracia apenas nas

2. Id., II, 41, 1: τῆς Ἑλλάδος παίδευσιν.

3. Diz τὸ σῶμα: a referência também é física.

4. εὐτραπέλως: que se refere à argúcia, à agilidade física, à *mutabilidade*. As palavras foram escolhidas com muita perspicácia. E veremos por quê.

5. Diz até: φιλοσοφοῦμεν. Isso também deve ter contribuído para o curioso achado de Voltaire no *Tratado sobre a tolerância*, em que os vários juízes populares que votaram em favor de Sócrates, mas sem conseguir salvá-lo, são, todos eles, definidos *tout court* como “filósofos”.

6. Diz: μαλακία. Tucídides, II, 40, 1.

7. *Anthologia Graeca*, VII, 45.

8. Tucídides, II, 40, 3: ἀμαθία/λογισμός.

9. Id., II, 39, 1: ἀνειμένως διαιτώμενοι οὐδέν ῃσσον ἐπὶ τοὺς ισοπαλεῖς κινδύνους χωροῦμεν.

10. Id., II, 39, 2: κρατοῦμεν. É uma afirmação pretensiosa, em vista dos frequentes insucessos atenienses em batalhas terrestres.

11. Id., II, 37.

palavras, mas, de fato, uma forma de principado”,¹² justamente nesse discurso fúnebre atribui a Péricles palavras tais que causam a impressão (a uma leitura superficial) de que o estadista, em suas vestes de orador oficial, está descrevendo um sistema político democrático e tecendo seu elogio. E isso nem lhe basta: ele faz com que Péricles louve o trabalho dos tribunais atenienses, em que, “nas controvérsias privadas, as leis garantem a todos um tratamento igual”.¹³ Para não falar da visão totalmente idealizadora do funcionamento da assembleia popular, como local onde falam todos os que tenham algo de útil a dizer para a cidade e são apreciados apenas com base no valor, sem que a pobreza seja impedimento.¹⁴

II

Algo que os intérpretes jamais podem esquecer é que Tucídides tem clara consciência de estar imitando um discurso de ocasião — com todas as falsidades patrióticas inerentes àquele gênero de oratória. Outro pressuposto igualmente necessário, para ler o célebre discurso sem se sentir desconcertado, é que Tucídides fez uma comparação intencional, a curta distância, entre a Atenas imaginária da oratória pericleana “cerimonial” e a verdadeira Atenas de Péricles. O primeiro, pelo que sabemos, a captar com clareza o caráter bastante mistificador do que Péricles diz nessa importante прédica foi Platão, que no *Menexeno* parodiou ferozmente tal texto, inventando o discurso fúnebre de Aspásia — a mulher amada por Péricles e perseguida pelo convencionalismo obscurantista ateniense —, o qual foi montado, diz Sócrates naquele diálogo, “colando os restos” do de Péricles.¹⁵ E a pointe da invenção platônica, motivada talvez pelo recente surgimento da obra tucídideana, mostra-se ainda mais aguda se se considerar que o Péricles de Tucídides, no discurso, exalta a dedicação do ateniense médio à filosofia, enquanto Aspásia fora alvo de uma denúncia do comediógrafo Hermipo; enquanto Diópites apresentava e conseguia aprovar um

12. Id., II, 65, 9: λόγῳ μὲν δημοκρατίᾳ, ἔργῳ δ' ὑπὸ τοῦ πρώτου ἀνδρὸς ἀρχή.

13. Id., II, 37, 1.

14. Ibid., οὐδὲν αὖ κατὰ πενίαν [...] κεκώλυται.

15. Platão, *Menexeno*, 236b.

decreto, dirigido contra Anaxágoras, que “encaminhava a juízo em procedimento de urgência aqueles que não acreditam nos deuses ou que ensinam doutrinas sobre os fenômenos celestes”;¹⁶ enquanto Mênon e Glícon arrastavam Fídias ao tribunal e depois ao cárcere. Anaxágoras, Fídias, Aspásia: é o círculo de Péricles, em cujo centro estava Aspásia. Por isso é absurdo, ou melhor, plenamente condizente com as falsidades das orações fúnebres, atribuir justo a Péricles a afirmativa de que o ateniense ama o belo e a filosofia; e é sobremodo eficaz imaginar — como ocorre no *Menexeno* — uma paródia dessa oratória justamente por obra de Aspásia.

E como não pensar que a explicação orgulhosa e prepotente de Péricles nesse discurso sobre a supremacia dos atenienses nas guerras, mesmo sem se imporem aquele rigoroso treinamento guerreiro e totalizante que é típico de Esparta, também causa não menos estranheza ao leitor, o qual sabe muito bem, desde o primeiro momento, que a guerra de que se está falando, desejada pelo próprio Péricles, resultou em derrota para os atenienses (e, contra todas as suas previsões, precisamente no mar)?

Em suma, a Atenas do mito — mito fecundo, mas nem por isso menos mito — é aquela que se encontra delineada no discurso fúnebre pericleano-tucídideano.

III

Os caminhos da história e do mito, porém, estão estreitamente entrelaçados. O destino historiográfico-ideológico do discurso fúnebre é o exemplo mais esclarecedor. Se se examinarem em perspectiva as vicissitudes de sua recepção, pode-se observar que ela logo se tornou objeto de discussão e refutação. Isócrates (436-338 a.C.), Platão (428-347 a.C.) e Lísias (445/444?-370? a.C.) de imediato aparecem como protagonistas nessa história. Isócrates no *Panegírico*, Lísias na *Oração fúnebre* e Platão no *Menexeno*, mais ou menos contemporâ-

16. Sobre tudo isso, cf. Plutarco, *Vida de Péricles*, 32. Sobre a discussão surgida a partir desse informe muito bem articulado de Plutarco, que tem correspondência em Ateneu, XIII, 589e, escólio a Aristófanes, *Os cavaleiros*, 969, Pseudo-Luciano, *Amores*, 30, ver o comentário de Philip A. Stadter a Plutarco, *Pericle* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1989, p. 297).

neos se se levar em conta que Isócrates trabalhou no *Panegírico* entre 392 e 380, constituem a primeira e reveladora reação à difusão da obra “completa” de Tucídides ocorrida naquele período. Isócrates defende o império e contesta Tucídides (e seu “editor” Xenofonte) por tê-lo questionado de maneira radical, e é exatamente por isso que ele *leva ao pé da letra tudo o que se lê em louvor a Atenas e seu império no discurso fúnebre pericleano* (aqui e ali repetindo-o e parafraseando-o).¹⁷ Platão, crítico de toda a tradição democrática ateniense fundada no pacto entre senhores e povo, que lhe parece apenas fonte de corrupção e má política, não só não hesita em colocar Péricles entre os governantes que arruinaram a cidade (*Górgias*, 515), como também, no *Menexeno*, parafraseia com ferocidade alguns pontos cardeais do discurso para sepultá-los sob uma mortalha de sarcasmo. Um exemplo ilustrativo é a maneira como a célebre e tortuosa reflexão pericleano-tucídideana sobre a democracia ateniense¹⁸ se transfigura de maneira grotesca nas palavras da Aspásia platônica:¹⁹ “Há quem a chame de democracia e quem a chame de outra maneira, cada qual de acordo com sua preferência, mas na verdade é uma aristocracia com o apoio das massas”.²⁰ E é extraordinariamente sugestiva a imediata sequência das palavras de Aspásia (dirigidas claramente ao Péricles *princeps* de Tucídides, II, 65, 9): “Mas os reis²¹ sempre existiram entre nós!”. E ainda assim, para que fique bem claro ao leitor que todo o discurso fúnebre de Aspásia é paródico, Platão não hesita em fazê-la dizer que a campanha da Sicília, conduzida “pela liberdade de Leontinos” (!), foi uma série de sucessos, mesmo tendo acabado mal (242e), que no Helesponto (Cízico) “tomamos num único dia toda a frota inimiga” (243a) e que a guerra civil de 404-3 acabou “de maneira magnificamente equilibrada” (243e), embora Platão saiba muitíssimo bem do traiçoeiro massacre de oligarcas efetuado pela democracia restaurada em 401, na emboscada de

17. Para *Panegírico*, 13, 39-40, 42, 47, 50, 52, 105, ver, por ordem, Tucídides, II, 35; 37; 38, 2; 40; 41, 1; 39, 1; 37. E poderíamos acrescentar alusões à “arqueologia” e ao diálogo mélio-ateniense.

18. Tucídides, II, 37, 1: “É chamada *demokratia* porque funciona em relação à maioria” etc.

19. Platão, *Menexeno*, 238c-d.

20. Daí a ideia de Plutarco (*Vida de Péricles*, 9) de tentar uma leitura dessas palavras e, de modo mais geral, do juízo de Tucídides sobre Péricles por meio de um filtro platônico: “Tucídides define o governo de Péricles como aristocrático”.

21. Diz: βασιλῆς (238d).

Elêusis.²² Platão tampouco deixa de ridicularizar a fórmula que faz fremir o âmago dos modernos (“Atenas, escola da Grécia”), tornando-a uma banalidade nas seguintes palavras de Aspásia: “Em Maratona e Salamina, ensinamos a todos os gregos [παιδευθῆναι τοὺς ἄλλους Ἐλληνας] como se combate em terra e como se combate no mar”²³.

Tampouco se deve esquecer que o verdadeiro antídisco do fúnebre — da mesma época do monumento pericleano-tucídideano — é o opúsculo de Crílias *Sobre o sistema político ateniense*, no qual todos os pontos principais que Péricles menciona em sua oração ceremonial são invertidos e apresentados à luz crua da opressão cotidiana que, segundo o autor, forma a substância do sistema político-social ateniense.²⁴ Ele não se limita a mostrar que a democracia, na verdade, é violência de classe, mau governo, reino da corrupção e da opressão antes de mais nada no tribunal, reino do desperdício e do parasitismo, mas também enfatiza com veemência que as formas elevadas de arte (a ginástica e a música, em sua visão ostensivamente *ancien régime*) foram pisoteadas pela democracia com a própria eliminação dos homens que encarnam tais artes.²⁵

Acrescente-se um dado que com frequência passa despercebido. Houve muitas obras de literatura e panfletística antiatenienses, mas se perderam. Plutarco (que escrevia na época de Nerva e Trajano) ainda as lia e utilizava em suas *Vidas* dos atenienses do século V. Aquele tipo de produção trazia acusações

22. Xenofonte, *Helênicas*, II, 4, 43; cf. Aristóteles, *Athenaion Politeia*, 40, 4, e Justino (Togo), V, 10, 8-11.

23. Platão, *Menexeno*, 241c.

24. A meu ver, estavam certos aqueles (Carel Gabriel Cobet, *Novaes Lectiones*. Leiden: Brill, 1858, pp. 738-40) que julgaram reconhecer um diálogo no panfleto contra a democracia, intitulado *Sobre o sistema político ateniense*, transmitido entre as obras de Xenofonte, porém não atribuível a ele. É um texto dos mais importantes da literatura antiga: curto, mordaz, muitas vezes verídico, sempre falso. Se, como também me parece, são dois os interlocutores, pode-se constatar sem dificuldade que o primeiro é tendencialmente crítico-problemático, ao passo que o segundo desempenha o papel “instrumental” do portador de certezas. Para a atribuição a Crílias, apresentada com sólido argumento por August Boeckh, veja-se E. Degani, *Atene e Roma*, 29, pp. 186-7, 1984. É decisivo o testemunho de Filóstrato em *Vidas dos sofistas*, I, 16, no qual se diz que Crílias, falando do ordenamento ateniense, “atacava-o ferozmente fingindo defendê-lo”. (E, de fato, diversos intérpretes ingênuos, desde o émigré conde de Luzerne [Londres, 1793] a Max Treu [s.v. *Ps.-Xenophon, Re*, IX.A, 1967, col. 1960, linhas 50-60], se deixaram embair.) Cf. infra, Primeira parte, cap. 4.

25. [Xenofonte], *Athenaion Politeia*, I, 13 (em que καταλέλυκεν pode significar não só eliminação da política).

e informações (sem dúvida facciosas ou facciosamente apresentadas) de todos os tipos: inclusive a notícia, que Idomeneu de Lâmpsaco tomava como certa, de que o próprio Péricles mandara matar Efialtes, seu companheiro de luta.²⁶ Grande parte desse material acabou confluindo para *Sobre os demagogos atenienses*, o décimo livro das *Filípicas*, de Teopompo.²⁷ Mas o mito de Atenas, graças sobretudo à mediação das escolhas bibliotecárias de Alexandria e à força da cultura romana — que neutralizou a perigosa política de Atenas, mas enfatizou seu papel cultural universal e emblemático —, acabou por prevalecer. De outra forma, não seria possível compreender o esforço realizado nas escolas de retórica de todo o império, nas quais, sob a forma de *exercitationes*, narra-se repetidamente a grande história de Atenas, nem a gigantesca réplica de Élio Aristides (II d.C.) a Platão, em seu preciso, porém pedante, discurso *Em defesa dos quatro*, isto é, os quatro grandes da política ateniense do grande século que são objeto dos ataques de Platão em *Górgias*. Tampouco se explicaria o próprio empreendimento de Plutarco, as *Vidas paralelas*, que colocam Atenas e Roma (isto é, de um lado Atenas e do outro os donos do mundo!) em pé de igualdade. No entanto, esse historiador conhecia muito bem e, quando necessário, utilizava toda aquela literatura demolidora. Mas, para ele, o mito está consolidado de maneira irrevogável.

IV

A força desse mito reside na duplicidade de planos sobre os quais é possível e cabível ler o discurso de Péricles. Com efeito, é evidente que, desvinculada da situação concreta (a oração fúnebre como прédica falsa por excelência) e dos acontecimentos dos protagonistas (Péricles *princeps* em primeiro lugar), aquela imagem de Atenas, em todo caso, tem fundamento e foi por isso que resistiu e, ao final, venceu. Mas o paradoxo é que essa grandeza descrita pelo Péricles tucídideano — e que já na época era verdadeira — era essencialmente obra daquelas classes altas e dominantes que o “povo de Atenas” mantém sob sua mira e, quando possível, persegue e abate. E o Péricles “verdadeiro” sabia muito bem disso, tendo

26. Plutarco, *Vida de Péricles*, 10, 7.

27. *FGrHist* 115 F 85-100 (e 325-327?).

vivido e sofrido tal experiência na própria pele. A grandeza dessa classe consistiu no fato de ter *aceitado o desafio da democracia*, isto é, a convivência conflituosa com o controle obsessivo cerrado e não raro obscurantista do “poder popular”: de tê-lo aceitado mesmo detestando-o, como se evidencia nas palavras de Alcibíades, exilado em Esparta pouco tempo antes, quando define a democracia como “uma loucura universalmente reconhecida como tal”²⁸.

A fuga de Anaxágoras, perseguido pela acusação de ateísmo, ou a humilhação extrema do pranto em público de Péricles, diante de um júri de milhares de atenienses (no louvável esforço para salvar Aspásia),²⁹ não foram suficientes para afastar essa extraordinária elite aberta de sua escolha de *aceitar a democracia para governá-la*. Uma elite “descrente” que escolheu se pôr à frente de uma massa popular “carola”, mas bem-intencionada, com a qual contaria em termos políticos por meio do mecanismo delicado e imprevisível da “assembleia”. Os dois lados, postos um diante do outro, modificaram-se de maneira recíproca, no embate dos conflitos concretos. O estilo de vida do “ateniense médio”³⁰ se deduz com veracidade da comédia de Aristófanes: a qual, pelo próprio fato de ter adotado aquela forma e obtido um sucesso não efêmero, demonstra por si só que aquele povo carola já era capaz de rir de si mesmo e de sua própria caricatura. O estilo de vida da elite dominante é o que Platão apresenta na ambientação de seus diálogos em que pululam, entre outras coisas, políticos engajados contra a democracia (Clitofonte, Cármide, Crítias, Mênon etc.): diálogos nem sempre necessariamente movimentados como *O banquete*, mas sempre animados por aquela curiosidade intelectual isenta de condicionamentos, por aquela paixão pela dúvida, pelo entretenimento da inteligência e pela liberdade dos costumes que se percebem por todas as partes desses textos, exceto nos *Nomoi*. Portanto, não são necessariamente a vida “imoral” de Alcibíades³¹ nem o turvo desejo de profanação do “sacro” que entrevemos por trás dos escândalos de 415 a.C., mas sim a cena do *Fedro*, a cena do *Protágoras*, a cena tranquilizadora em que se desenvolve o diálogo talvez mais importante de todos: *A República. The people of Aristophanes* diante de *The people of Plato*.

28. Tucídides, VI, 89, 6.

29. Plutarco, *Vida de Péricles*, 32, 5.

30. “Durchschnitts-Athener” é uma expressão de Friedrich Nietzsche.

31. Sobre seu erotismo desenfreado e retorcido, cf. Lísias, fragmento 30 Gernet, e também Atenau, XIII, 574 d.

A acrimônia com que, em *As nuvens*, Aristófanes representa aquele mundo elitista, tendo Sócrates no centro, diante do seu público, no qual decerto predominava o tipo do “ateniense médio”, demonstra — como, aliás, o Sócrates platônico declara de maneira explícita na *Apologia* — que o “ateniense médio” detestava e olhava com suspeita aquele mundo, do qual provinham em geral as pessoas que estavam (em alternância e obtendo consenso em torno de si) no comando da cidade. Aristófanes fica suspenso entre esses dois importantes temas sociais: pela profissão que escolheu, é obrigado a se manter nessa posição; se assim não fosse, seu trabalho artístico teria simplesmente falido. Por isso é tão complicado tentar definir “o partido” de Aristófanes.

Os alvos dos cômicos — lê-se no panfleto dialógico de Crítias — quase nunca são pessoas “que estão com o povo ou pertencem à massa popular”, e sim, em geral, “pessoas ricas, nobres ou poderosas”,³² isto é, pessoas em posição social elevada, engajadas na política. Mas ele acrescenta a seguir que também são atacados “alguns pobres ou alguns democratas”,³³ quando procuram “aparecer demais ou se colocar acima do demo”:³⁴ quando são eles os atacados, diz Crítias, o povo fica contente. Toda essa passagem é preciosa, não só porque demonstra que o teatro cômico é de fato o termômetro político da cidade, mas porque lança luz sobre as articulações no interior da classe dirigente. Esta é composta também por pessoas que se alinham de forma clara com a parte popular e atendem a suas aspirações e pulsões, ou seja, não numa atitude habilmente paidêutica (como Péricles ou Níctias): em suma, personagens como Cléon, para evocar um grande nome, ademais grande alvo de Aristófanes. As palavras do opúsculo parecem “recortadas” ao caso Cléon, ao feroz martelar de Aristófanes contra ele. E poderíamos lembrar também os ataques a Cleofonte nas comédias dos anos 10 e até a época de *As rãs*. Com a ressalva de que, ainda no caso de Cleofonte (chamado de “fabricante de instrumentos musicais” *λυροποιός*), o clichê da extração popular³⁵ deve ser visto com cautela, pois agora sabemos que seu pai era um *Κλειπτίδης*.

32. [Xenofonte], *Athenaion Politeia*, II, 18.

33. É o que significa *τῶν δημοτικῶν*: cf. *LSJ*, s.v., II, 2, em que há inúmeros exemplos extraídos da literatura política.

34. *πλέον ἔχειν τοῦ δήμου*: acusação terrível em regimes de predomínio popular direto, como tenta ser Atenas.

35. Passado depois para a tradição atidográfica conhecida por Aristóteles (*Athenaion Politeia*, 28, 3).

(Cleípides), talvez estratego em 428,³⁶ e, em todo caso, sua relevância é confirmada pela tentativa de atingi-lo com uma condenação ao ostracismo.³⁷

De fato, seria um erro considerar a elite que aceita dirigir a democracia, enfrentando seus desafios, como um bloco unitário. Há em seu interior divisões de clã e de família, há rivalidades e artimanhas de todos os tipos. É emblemático o episódio do ostracismo de Hipérbole (talvez 418 a.C.),³⁸ líder popular cuja liquidação política foi obtida graças a uma súbita e conveniente aliança entre os clãs opositos de Nícias e de Alcibiades, que por várias razões disputavam o legado de Péricles após a saída de cena de Cléon (421). Tais episódios também demonstram como era vulnerável e oscilante a “maioria popular” na assembleia e como a “massa popular” era manipulável pelos líderes “bem-nascidos” e seus agentes políticos.³⁹

V

O “milagre” que aquela extraordinária elite conseguiu realizar, governando sob a pressão decerto pouco agradável da “massa popular”, foi ter feito funcionar e prosperar a comunidade política mais importante no mundo das cidades gregas e, com isso, no calor do conflito, ter modificado, pelo menos em parte, a si mesma e ao antagonista. É possível entender bem esse aspecto examinando a oratória antiga, em que se pode observar como a palavra dos “senhores” — os únicos cuja palavra nos é conhecida⁴⁰ — vem impregnada de valores políticos que são básicos na mentalidade combativa e reivindicativa da “massa popular”: antes de mais nada τὸ ἕστος, o que é igual e, portanto, justo. Já o vimos no início, ao repercorrer os pontos cardeais da oração fúnebre de Péricles, cujo

36. Cf. R. Meiggs e D. Lewis, *A Selection of Greek Historical Inscriptions* (Oxford: Clarendon Press, 1969, 1982², p. 41); D. Kagan, *The Fall of the Athenian Empire* (Ithaca/Londres: Cornell University Press, 1987, pp. 249-50).

37. G. Daux, “Chronique des fouilles et découvertes archéologiques en Grèce en 1966”. *Bulletin de Correspondance Hellénique*, 91, 2, p. 625, 1967; E. Vanderpool, “Kleophon”, *Hesperia*, v. 21, pp. 114-5, 1952; e id., *Ostracism at Athens*. Cincinnati: The University of Cincinnati, 1970, pp. 27-8.

38. Mas são possíveis outras datas entre 418 e 415.

39. “Retores menores”, como os chamava Hipérides.

40. Através das obras dos historiadores e do corpus demostênico.

sentido captamos apenas em parte se nos limitamos a constatar o quanto se avizinha do discurso demagógico.⁴¹

O Péricles de Tucídides descreve com extraordinária eficácia o “estilo de vida” ateniense (ainda que reverberando sobre o demo características que, todavia, são próprias da elite),⁴² mas é sumamente eficaz ao descrever — em antítese — *a falência do modelo de Esparta*.⁴³ Ele não está apenas redimensionando ou demolindo a imagem do inimigo: ao destroçar esse modelo, o Péricles tucídideano liquida como impraticável *o modelo idolatrado pela parcela das classes altas não disposta a aceitar* (como Péricles e seus antepassados Alcmeônidas) *o desafio da democracia*, a qual, sempre que possível, tentava com furor ideológico transplantar e instaurar em Atenas. (Coisa que, aproveitando a derrota de 404, benéfica para ela, essa parcela de fato tentou,⁴⁴ fracassando.) Tucídides, nisso, é como Zeus, que enxerga de cima os dois alinhamentos:⁴⁵ ele é capaz, ao mesmo tempo, de ver e de apontar (para quem tem olhos para ver) o caráter deformador e, todavia, substancialmente verdadeiro da exaltação de Atenas expressa na прédica. Mas o jogo — inerente à finalidade e à estrutura do gênero do discurso fúnebre — consiste justamente em que aquele que fala seja levado a dizer que essa grandiosidade nas obras e realizações “é obra vossa”. Nisso consiste o jogo sutil entre o verdadeiro e o falso, que se encontram e, em certo sentido, coincidem. E é por isso que, de maneira análoga, para Tucídides, o império é necessário, inegociável, mas ao mesmo tempo intrinsecamente censurável e opressor e, portanto, pode-se dizer, fadado a sucumbir (embora o último Tucídides⁴⁶ não esteja de acordo com esse ponto e pareça quase optar pela não inevitabilidade da derrota).

Dessa duplicidade de planos derivam *os dois planos da história de Atenas*: de um lado, o tempo histórico e contingente, o tempo de uma experiência política

41. Daí a divergência diametral entre Platão e Tucídides no juízo sobre Péricles.

42. Φιλοσοφοῦμεν!

43. Tucídides, II, 39: deve-se considerar o capítulo inteiro construído na base dessa polaridade.

44. É emblemático que as heterias oligárquicas, em 404, não tenham nomeado dez próboulos (como se fizera em 411), e sim cinco éforos (Lísias, XII, 43-44): com isso, elas anunciam que querem adotar diretamente o modelo de Esparta.

45. É uma célebre imagem do ultratucídideano Luciano de Samósata (*Como se deve escrever a história*, 49).

46. II, 65 (sua última página, segundo uma bela, mas indemonstrável, hipótese de Maas).

que — tal como era em sua contingente historicidade — se autodestruiu;⁴⁷ de outro lado, um tempo longuíssimo, o tempo da permanência multimilenar das realizações daquela época frenética. E poderíamos ir além, observando que, se Atenas funcionou assim, se produziu tanto porque uma elite aberta aceitou a democracia, isto é, o conflito e o risco constante da opressão, isso significa que, por sua vez, *aquele mecanismo político*, cuja definição tanto tem atormentado e inquietado os intérpretes (de Cícero⁴⁸ a George Grote ou Eduard Meyer), também trazia dentro de si dois tempos históricos: o *ut nunc*, que encontra uma caricatura apenas parcial no opúsculo de Crítias, e, por outro lado, o valor inestimável do conflito como acionador de energia intelectual e criatividade duradoura,⁴⁹ que é talvez o verdadeiro legado de Atenas e o alimento legítimo do seu mito.

47. Como diz Filóstrato no início da *Vida de Crítias*, “ela teria se destruído por si” (*Vidas dos sofistas*, I, 16).

48. *Nimia libertas*, diz Cícero em *De Republica*, I, 68. Ver Ch. Wirszubski, *Libertas: Il concetto politico di libertà a Roma tra Repubblica e Impero* (trad. de Giosuè Musca; Bari: Laterza, 1957, p. 70, nota 2). Para Cícero, o modelo político da Atenas clássica é, de fato, um modelo negativo, enquanto o mito vivo, para ele, é o de “*Athenae omnium doctrinarum inventrices*” (*De oratore*, I, 13).

49. O que, certa vez, levou Voltaire a conjecturar que havia sido precisamente a ininterrupta guerra civil do mundo grego que potencializara sua força intelectual: “Como se a guerra civil, o mais horrível dos flagelos, alimentasse um novo ardor e novas energias para o espírito humano, era nessa época que floresciam todas as artes na Grécia” (“Pyrrhonisme de l’histoire”, *L’Évangile du jour*, IV, 1769 = *Oeuvres complètes de Voltaire*, ed. Moland, v. XXVII, pp. 235-99. Aqui se trata do capítulo VIII, intitulado “Sobre Tucídides”. Sem dúvida, Voltaire também está pensando na França do século XVI). Uma pergunta suscitada pela perfeição que a arte do discurso alcançou em Atenas é se esse refinamento estilístico, argumentativo, retórico tinha realmente como destinatário “o populacho da Pnyx”, como certa vez Wilamowitz se expressou com deliberada dureza em *Die Griechische Literatur des Altertums* (Leipzig: Teubner, 1905², p. 75). O grande e talvez insuperado conhecedor da grecidade, quiçá movido por sua íntima desconfiança da democracia de qualquer época, não levava em conta que um povo — como o ateniense — continuamente exposto aos efeitos e às seduções da palavra fruída coletivamente — desde o teatro à assembleia, ao tribunal, à logografia — aos poucos se tornava um interlocutor sensível a tão grande perícia (a qual só era exibida na medida em que tinha um destinatário!). Pois não dirá Aristófanes ao seu público que “sois σοφότατοι”? E, em *As rãs*, não põe ele na boca de Eurípides: “Aqueles [e aponta para o público] ensinei a falar” (v. 954)? Ademais, nunca se deveria esquecer o efeito da *recitação* (lembremos a oratória “tonitruante” de Péricles, assinalada por Plutarco com base em fontes da época — e é apenas um exemplo). Eis aí um ponto de vista que ajuda a compreender o que queremos dizer quando falamos de fecundidade do conflito: quase uma heterogênese dos fins.